



O Sítio nos Projetos de Andrade + Raposo Arquitetos

MANOEL BEZERRA LEÃO NETO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

MANOEL BEZERRA LEÃO NETO

O Sítio nos Projetos de Andrade + Raposo Arquitetos

RECIFE

2023

MANOEL BEZERRA LEÃO NETO

O Sítio nos Projetos de Andrade + Raposo Arquitetos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco
como requisito para a obtenção do grau
de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Tomás Lapa

Coorientador: Prof. Dr. Fernando Diniz

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Leão Neto, Manoel Bezerra.

O Sítio nos Projetos de Andrade + Raposo Arquitetos / Manoel Bezerra Leão
Neto. - Recife, 2023.
56 p.

Orientador(a): Tomás de Albuquerque Lapa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2023.

1. Arquitetura. 2. Fenomenologia. 3. Sítio . 4. Nordeste. 5. Brasil. I. Lapa,
Tomás de Albuquerque. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

Manoel Bezerra Leão Neto

O Sítio nos Projetos de Andrade + Raposo Arquitetos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para a obtenção do grau de Bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 03/10/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tomás de Albuquerque Lapa (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Guilah Naslavsky (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Marco Antônio Borsoi (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Nicolas Mateus Macêdo Teixeira (Examinador Externo)
Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural

DEDICATÓRIA

À minha família, amigos, professores e todos aqueles que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Ao querido Professor Dr. Tomás Lapa, meu orientador, que tanto me auxiliou na conclusão deste trabalho, com suas valiosas contribuições e correções, ao mesmo tempo que me ensinou a ter grande liberdade para fazer minhas escolhas na condução do trabalho.

Ao querido Professor Dr. Fernando Diniz, meu coorientador, por me acolher e me incentivar a trilhar o caminho da pesquisa, oferecendo-me diversas oportunidades ao longo da minha formação que me permitiram desenvolver o meu perfil analítico e ter uma visão crítica, enxergando sempre além do senso comum.

Às queridas Professoras da disciplina de Trabalho de Curso II, Danielle, Izabella e Patrícia, que me apoiaram e incentivaram para alcançar a conclusão deste trabalho, além da forma compreensiva que conduziram a disciplina.

Ao querido Professor Paulo Raposo, que me recebeu em seu escritório e me ajudou em todas as minhas solicitações, além do conhecimento compartilhado comigo e das sugestões pertinentes que muito aprimoraram este trabalho.

Aos demais Professores do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, bem como do ensino médio e técnico do Instituto Federal de Pernambuco, das escolas onde cursei o ensino fundamental, do curso de inglês no CCAA e demais lugares por onde passei. Todos foram parte da minha formação e sou grato pelos conhecimentos transmitidos.

À equipe do Andrade + Raposo Arquitetos, pela receptividade e transparência, que possibilitaram adquirir informações relevantes e enriquecer o trabalho.

Aos meus pais, Edilene e Manoel, por todo o apoio, sendo para mim uma grande fortaleza em meus momentos de dúvida e incerteza, dividindo também as alegrias e sucessos, como a conclusão da minha graduação na mesma universidade onde nasci, há 24 anos, no Hospital das Clínicas da UFPE.

Às minhas avós, Maria e Rildenise, pela coragem de trazerem suas famílias do interior para a cidade e criarem os filhos em meio a tantas dificuldades, participando depois também da minha criação com muito amor e carinho.

À minha tia e ao meu primo, Edvânia e Fábio, por todo o apoio e incentivo oferecido a mim em todos estes anos de formação, ajudando-me a superar muitas dificuldades.

Aos meus irmãos, irmãs, primos, tios e demais membros da minha família pelo apoio, companhia e bons momentos ao longo destes anos, que me ajudaram a atravessar diversos obstáculos para chegar até aqui.

Aos meus queridos amigos, George e Beatriz. Mesmo à distância de enormes oceanos, sempre estivemos próximos. Vocês me ensinaram o verdadeiro sentido da amizade, motivada apenas pelo carinho que temos um pelo outro, além de me apoiarem em tantos momentos de dificuldade.

Aos meus queridos amigos, Letícia, Isabela, Mariana e Lucas, que há tantos anos me oferecem sua companhia e pelos muitos bons momentos juntos.

Aos meus queridos amigos e colegas de curso, Ewerton e Maria Eduarda, por tudo que pude aprender consigo e pela convivência nestes anos todos.

Ao meu querido amigo Moustafa, pelo acolhimento e apoio durante minha mudança para São Paulo enquanto terminava este trabalho.

Agradeço a todos os que não mencionei, mas que, de alguma forma, contribuíram com minha trajetória nestes longos seis anos de formação.

Por fim, agradeço às oportunidades que tive na vida, especialmente o acesso à educação, que me permitiu ser a pessoa que sou hoje.

**“O trabalho do arquiteto é uma resposta ao espaço,
que a demanda, e também uma pergunta: como
transformá-lo?”**

Álvaro Siza

RESUMO

O presente trabalho investiga a produção do escritório Andrade + Raposo Arquitetos dentro dos contextos histórico e teórico da arquitetura pertinentes à sua análise. Fundado na cidade do Recife, pelos arquitetos Moisés Andrade e Mônica Raposo, em princípios da década de 1960, o escritório é responsável pelos projetos de relevantes edifícios, em distintos contextos da região nordeste brasileira. Na cidade do Recife, foram responsáveis por projetar obras públicas notáveis, além de projetarem diversas residências, especialmente em áreas rurais ou litorâneas. O escritório se distingue, ainda, pela constante interface entre produção projetual e reflexão acadêmica, pois todos os seus integrantes lecionam ou lecionaram em universidades. Considerando suas particularidades e a relevância de sua produção, fez-se oportuno empreender uma pesquisa objetivando esclarecer a relação com a teoria e prática arquitetônica através da análise de dois projetos especificamente selecionados, os partidos recorrentes ou divergentes nos diferentes projetos e sua relação com o sítio onde se inserem. Foi utilizado como método uma abordagem fenomenológica adaptada a partir de Shirazi (2014). Os resultados da pesquisa confirmam a importância atribuída pelo escritório à relação com o sítio no desenvolvimento dos seus projetos.

Palavras-Chave: Andrade + Raposo. Arquitetura. Fenomenologia. Sítio. Projeto.

ABSTRACT

This present work investigates the production of the Andrade + Raposo Architects office within the historical and theoretical contexts of architecture relevant to its analysis. Founded in the city of Recife by architects Moisés Andrade and Mônica Raposo in the early 1960s, the office is responsible for significant architectural projects in various contexts within the northeastern region of Brazil. In Recife, they were responsible for designing notable public buildings, as well as numerous residences, particularly in rural or coastal areas. The office is also distinguished by the steady interface between design production and academic reflection, as all its members teach or have taught at universities. Considering its particularities and the relevance of its production, it became appropriate to undertake research with the aim of clarifying the relationship with architectural theory and practice through the analysis of two specifically selected projects, the recurring or divergent design approaches in different projects, and their relationship with the site in which they are located. It was used as method a phenomenological approach based on Shirazi (2014). The research results confirm the importance attributed by the office to the relationship with the site in the development of their projects.

Keywords: Andrade + Raposo. Architecture. Phenomenology. Site. Project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Os arredores. Fonte: A+R Arquitetos.	44
Figura 2: A chegada. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.....	45
Figura 3: A primeira vista. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.	45
Figura 4: A chaminé. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.	45
Figura 5: Fachada. Fonte Acervo pessoal Fernando Diniz.....	46
Figura 6: Interiores. Fonte: A+R Arquitetos.	46
Figura 7: Vista enquadrada. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.....	46
Figura 8: Enquadramento da vista. Acervo pessoal Fernando Diniz.	47
Figura 9: Espaço coberto. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.	47
Figura 10: Vista posterior. Fonte: A+R Arquitetos.	47
Figura 11: Horizontalidade. Fonte: A+R Arquitetos.	48
Figura 12: Contrastes. Fonte: A+R Arquitetos.....	49
Figura 13: Dentro e fora. Fonte: A+R Arquitetos.	50
Figura 14: Descoberta. Fonte: A+R Arquitetos.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. ANDRADE + RAPOSO ARQUITETOS	17
1.1 Composição.....	17
1.2 Breve histórico	20
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	23
2.1 Espaço, lugar e sítio.....	23
2.2 O que é sítio para os arquitetos?	24
2.3 O sítio no discurso teórico	26
2.3.1 Bruno Zevi	28
2.3.2 Norberg-Schulz	29
2.3.3 Steven Holl	32
3. METODOLOGIA.....	36
3.1 A escolha das obras.....	36
3.2 O método de abordagem	37
3.2.1 Interesses fenomenológicos.....	38
4. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE OBRAS SELECIONADAS	44
4.1 Casa Queira Deus.....	44
4.2 Casa Através do Vazio	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O Andrade + Raposo Arquitetos (A+R) é um escritório de arquitetura com origem na cidade do Recife, sendo seus componentes autores de obras relevantes no contexto da produção contemporânea de Pernambuco, devido às suas interações com as particularidades dos sítios onde estão inseridas e aspectos da cultura e sociedade locais. A partir da congruência entre as diferentes perspectivas dos seus associados, o escritório desenvolveu um repertório próprio, com influências modernistas e pós-modernistas, acompanhando os desenvolvimentos da arquitetura nas últimas décadas. Este trabalho se propõe a investigar, a partir de sólidos fundamentos teóricos, se o A+R é responsivo às condições situacionais e socioculturais relevantes a cada projeto. Assim sendo, espera-se analisar sua obra para discorrer sobre a influência dos fatores materiais e imateriais dos sítios e sociedades onde estão inseridas as obras no desenvolvimento dos projetos.

Atuante desde princípios da década de 1960, o A+R projetou uma série de edifícios notáveis na cidade do Recife, entre os quais o Fórum Desembargador Rodolfo Aureliano, o Terminal Marítimo de Passageiros do Porto do Recife e a sede da Softex, além de projetos na região metropolitana e no interior do estado de Pernambuco, bem como em outros estados do nordeste brasileiro.

O escritório se distingue pelo fato de que todos os seus integrantes são também professores universitários, lecionando atualmente ou aposentados, nos cursos de arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Católica de Pernambuco. Além de uma sólida formação, todos trazem importantes vivências que resultam num ambiente de reflexão constante, como enseja a prática do ensino. A ligação direta entre academia e projeto sugere o desenvolvimento de uma obra arquitetônica em constante interface com teorias e referências nacionais e internacionais, o que se reflete numa produção mais elaborada do que se fosse pautada unicamente por preferências estilísticas efêmeras e comerciais.

Considerando-se a relevância de sua produção, é pertinente estudar a trajetória formativa do escritório, elucidar o que foi colocado por relevantes pensadores e praticantes da arquitetura acerca da importância do sítio para o projeto e, então,

investigar os contextos nos quais as obras do A+R foram projetadas e erigidas, tanto do ponto de vista dos fatores humanos, como a experiência e a relação das pessoas com as obras, como também a inserção das construções, levando em conta condicionantes naturais, como vegetação, relevo, vistas, insolação e ventos.

Tendo em vista que, no âmbito dos estudos do ambiente construído¹, o conceito de paisagem envolve uma complexidade que ultrapassa os interesses e objetivos deste trabalho, optou-se pelo conceito de *sítio* para denominar o conjunto das preexistências no entorno imediato do projeto. Dessa maneira, buscou-se enfocar os elementos determinantes que influenciam o modo projetual do escritório, no que diz respeito à abstração e criação, quando das decisões adotadas durante o desenvolvimento dos projetos e seu resultado final.

O objetivo geral do trabalho é, portanto, investigar a relação do escritório Andrade + Raposo Arquitetos com os sítios onde projeta, para então elucidá-la e apresentá-la ao público mais amplo. Os objetivos específicos são:

1. Pesquisar a formação do escritório, o contexto que está inserido e o que renomados autores colocam em relação à relevância do sítio para o projeto;
2. Investigar as respostas projetuais, em cada situação estudada, tendo em vista as condições ambientais de cada sítio e os fatores humanos;
3. Demonstrar que tais respostas são adrede e parte do processo projetual do escritório, destacando sua relevância para o contexto local.

A metodologia de análise consiste na apreensão de dois projetos através de imagens e visitas, empreendidas no ano de 2020, para analisá-los a partir dos conceitos discutidos na fundamentação teórica, particularmente a fenomenologia arquitetônica, de forma especificamente aplicada ao tema e às obras em estudo.

Após as análises, serão apresentadas as considerações finais, fundamentadas nas distintas seções que compõem o trabalho.

¹ O conceito de Paisagem, embora conte com uma rica literatura, segundo Freire (2018), carece de uma definição regulamentada e universalmente aceita, a despeito dos esforços nesse sentido.

ANDRADE + RAPOSO
ARQUITETOS

1. ANDRADE + RAPOSO ARQUITETOS

Conforme previamente apresentado na introdução, o escritório está em atuação há seis décadas, contando com uma vasta e relevante produção arquitetônica, além de contribuições acadêmicas e literárias. Serão apresentadas a seguir informações acerca da composição do escritório, especificando quem são os integrantes e sua formação e trajetória (sem adentrar em sua participação no escritório individualmente, pois ela está sendo abordada de forma conjunta neste trabalho), um breve histórico do escritório e, por fim, uma discussão sobre a relação que este mantém com os sítios onde projeta.

1.1 Composição

Os textos neste subtópico foram redigidos a partir de informações obtidas verbalmente em entrevistas e conversas com os membros do escritório, além de informações disponíveis publicamente em notícias e em seu próprio *website*.

Moisés Andrade

Sua família tem origem no Ceará, sendo o seu pai, que trabalhava para o Ministério da Saúde, transferido para o Recife em 1950. Quando criança, viajava frequentemente de navio, pois possuía família em Belém, no estado do Pará, e no Ceará, onde nasceu. Ele gostava de observar a estrutura e a disposição dos espaços nos navios onde viajava, de modo que se interessou pela arquitetura naval mas, como considerou que não havia curso de formação disponível para tal especialização, optou pelo curso de Arquitetura.

Formou-se na então Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife (atualmente a Universidade Federal de Pernambuco) em 1963. Durante seus anos de estudo, a então Faculdade de Arquitetura se encontrava temporariamente instalada no seminário de Olinda, sendo posteriormente transferida para o centro da cidade do Recife. Como esta ainda não possuía biblioteca, ele costumava frequentar livrarias no centro do Recife para ter acesso às publicações mais recentes, pois considera que o acervo das bibliotecas públicas era defasado.

Ainda durante sua formação teve a oportunidade de estagiar na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em 1961, tendo a oportunidade de viajar pela região nordeste para visitar projetos em andamento. Também fez uma viagem terrestre entre Recife e Salvador com os professores e colegas, parando ao longo do trajeto para conhecer igrejas e outras obras arquitetônicas e artísticas, de modo a perceber como as técnicas fluíam entre uma cidade e outra nos séculos passados, assumindo diferentes expressões em diferentes pontos do caminho. Fez também uma viagem de barco para Cuba em 1963 junto a um considerável número de estudantes de arquitetura de diversos países da América Latina, que compareceram ao “Encontro Internacional de Professores e Estudantes” e ao “VII Congresso da União Internacional de Arquitetos de Havana”, onde ouviu discursos de Che Guevara e Fidel Castro.

Posteriormente à sua formação, Moisés teve uma estadia de oito meses em Stuttgart, na Alemanha, onde caminhava pelo *Weißenhofsiedlung* (um distrito residencial com diversas obras modernistas, incluindo duas obras de Le Corbusier declaradas patrimônio da humanidade pela UNESCO) observando atentamente os edifícios ali presentes e as obras em construção na cidade no contexto pós-guerra, momento em que a Alemanha estava em acelerada reconstrução.

Também teve a oportunidade de trabalhar por um ano em Paris e, posteriormente ao casamento, fez viagens mais curtas com a família para países como México (incluindo a cidade histórica de Taxco), Peru e Guatemala, além de outra estadia prolongada na Inglaterra, onde viveu com a esposa, Mônica Raposo, durante 5 anos de doutorado. Moisés enfatiza a importância de ter um amplo repertório cultural e viajar, para aguçar e dar rapidez ao pensamento arquitetônico.

Concluiu em 1975 o mestrado em Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), retornando então ao Recife, onde ajudou a fundar o programa de Mestrado em Desenvolvimento Urbano (MDU. Ingressou no corpo docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1975, lecionando no curso de Arquitetura e Urbanismo até sua aposentadoria em 2013. Dedicar-se atualmente às atividades do escritório.

Mônica Raposo

Formou-se também na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife (atualmente a Universidade Federal de Pernambuco) no ano de 1964. Posteriormente à sua formação, viajou à Inglaterra, onde desenvolveu interesse pelo desenho de cidades e pelo urbanismo. Ao retornar ao Brasil, ingressou como professora na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1974 e atuou na Secretaria de Habitação de Pernambuco, onde elaborou o Manual de Habitação Popular, baseado em seus estudos de otimização do espaço com manutenção da privacidade, qualidade e densidade urbana em projetos de habitações econômicas.

Ainda durante o período em que atuou na secretaria de habitação, atuou na elaboração de projetos para um programa de construção de residências populares com mais de 102 mil habitações erigidas entre 1978 e 1982. Posteriormente, viajou novamente à Inglaterra, onde residiu e realizou o Ph.D na Universidade de Cambridge. Ao retornar ao Brasil, continuou lecionando na UFPE até sua aposentadoria em 2013. Atualmente, continua dedicando-se às atividades do escritório.

Paulo Raposo

Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1991, concluiu o mestrado em Desenvolvimento Urbano em 1996 na mesma universidade e leciona na UFPE desde 1997.

Andréa Câmara

Concluiu a graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1991, prosseguindo ao mestrado em Desenvolvimento Urbano, obtido em 1998 na mesma universidade, seguindo então ao doutorado em Urbanismo e Ordenação do Território na Universitat Politècnica de Catalunya, concluído em 2011. Leciona na Universidade Católica de Pernambuco.

Luciano Medina

Concluiu a graduação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1988, seguida do mestrado em Desenvolvimento Urbano, obtido em 1996, e do doutorado em Desenvolvimento Urbano, obtido em 2018, ambos na Universidade Federal de Pernambuco. Leciona desde 1996 na UFPE.

1.2 Breve histórico

O escritório Andrade + Raposo Arquitetos tem suas raízes em princípios da década de 1960, após a graduação dos fundadores, Moisés Andrade e Mônica Raposo, no curso de arquitetura da então Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco) em 1963. Entre seus primeiros projetos, estiveram sua própria residência, nomeada Casa 1008, em 1968, e o projeto para a residência do Professor Jaime Gusmão, em 1969, ambos em Olinda, Pernambuco.

Nos anos de 1969 e 1970, ambos participaram em diversos concursos, alcançando premiações nos seguintes projetos:

- Pavilhão de Feiras e Exposições do Rio Grande do Sul: menção honrosa em concurso nacional de arquitetura (1969);
- Faculdade Da Cruzada ABC: premiação em concurso estadual de arquitetura (1969);
- Sede do conselho Federal de Engenharia e Arquitetura - Brasília: menção honrosa em concurso nacional (1969);
- Penitenciária Industrial de Pernambuco: 2º prêmio em concurso nacional

Nos anos 1970, houve uma maior dedicação à carreira acadêmica. Moisés Andrade concluiu seu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1975 e retornou ao Recife onde ingressou como professor na Universidade Federal de Pernambuco. Mônica Raposo, também ingressou no magistério superior na mesma universidade, em 1975, de modo que as atividades projetuais do escritório foram significativamente reduzidas.

Na década de 1980, com a grave crise econômica que assolava o Brasil, havia pouca demanda para projetos de arquitetura com o perfil do escritório, o que não ensejou o retorno à prática projetual, exceto pelas atividades desenvolvidas por Mônica Raposo junto à Secretaria de Habitação de Pernambuco. Apenas nos anos 1990, contando também uma nova geração, com Paulo Raposo, Andréa Câmara e Luciano Medina ingressando no escritório, houve uma retomada do desenvolvimento de projetos de arquitetura, iniciando-se com o projeto do edifício residencial Ilha de Gharbi, em 1990, no Recife.

Em 1995, o A+R projetou o Parque de Esculturas do Shopping Center Recife, com diversas instalações artísticas, refletindo sua vocação para obras com profundidade cultural. Em 1996, venceram em primeiro lugar um concurso nacional para a construção do Fórum do Recife (atualmente denominado Fórum Desembargador Rodolfo Aureliano, também conhecido como Fórum da Joana Bezerra devido à sua localização no bairro da Ilha Joana Bezerra). Esta última obra, devido à sua escala superlativa e localização privilegiada, às margens do Rio Capibaribe, alçou o escritório a uma posição de maior reconhecimento na cena local.

Nos anos seguintes, o escritório projetou diversos projetos, especialmente residenciais e institucionais, incluindo as casas Através do Vazio, em 2001, no município de Camaragibe-PE, e a casa do engenho Queira Deus, em 2002, no município de São Lourenço da Mata-PE, sendo ambas os objetos de análise deste trabalho. Ainda em 2002, ganharam outro concurso nacional para a construção do Centro Cultural Tacaruna, que não foi erigido, além de projetarem os fóruns eleitorais das cidades de Salgueiro e Serra Talhada, em Pernambuco.

Outros projetos de maior relevância foram o Terminal Marítimo de Passageiros do Recife, em 2007, e o Edifício Empresarial ITBC, em 2008, que abriga também a sede da Softex, associação das empresas de tecnologia da informação e comunicação (TIC) de Pernambuco. Nos anos 2010, pode-se destacar o projeto para o Camará Shopping. Os demais trabalhos do escritório desde então enfocaram sobretudo projetos urbanísticos, concursos e restaurações.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Espaço, lugar e sítio

Espaço, lugar e sítio são três conceitos fundamentais na arquitetura que, embora sejam frequentemente usados de forma indistinta, possuem significados que diferem em alguns aspectos. Em essência, eles se referem a determinadas propriedades dos ambientes que emolduram a existência humana.

O espaço se refere à dimensão física, ele é a área tridimensional que pode ser ocupada, interpretada e apropriada material e culturalmente. Os arquitetos usam diferentes teorias e técnicas para manipular o *espaço*, conferindo-lhe valores que o convertem em *lugar* que, por sua vez, é um conceito de maior subjetividade. De fato, o *lugar* se refere aos significados atribuídos por um indivíduo ou uma sociedade a um determinado espaço, tornando-o distinguível. Tais significados são originados a partir de uma variedade de fatores, incluindo história, cultura, tradições, memórias e vivências, que são considerados durante a elaboração do projeto de arquitetura, para que a obra resultante seja assimilada pela comunidade à qual se destina.

No Brasil, conforme a NBR 6492 (1994), a planta que representa o entorno de um projeto é denominada “planta de situação”. O texto a seguir explicita os requisitos para este tipo de planta, no nível do anteprojeto:

5.3.2.1 Planta de situação

A planta de situação deve conter:

- a) simbologias de representação gráfica conforme as prescritas nesta Norma;
- b) curvas de nível existentes e projetadas, além de eventual sistema de coordenadas referenciais;
- c) indicação do norte;
- d) vias de acesso ao conjunto, arruamento e logradouros adjacentes com os respectivos equipamentos urbanos;
- e) indicação das áreas a serem edificadas;
- f) denominação dos diversos edifícios ou blocos;
- g) construções existentes, demolições ou remoções futuras, áreas non aedificandi;
- h) escalas;
- i) notas gerais, desenhos de referência e carimbo. (NBR 6492, 1994, p. 7)

Cabe destacar o uso da palavra *situação* para se referir a informações como curvas de nível do terreno (sendo estas uma representação planificada do relevo),

vias de acesso e arruamentos (indicando infraestruturas), bem como construções já erigidas, em todos os casos apontando elementos preexistentes. O local do projeto também deve ser indicado, além das modificações propostas, como demolições, remoções de terra ou aterramentos. A palavra situação deriva do latim *situare* (“situar”), que por sua vez deriva de *situs*, mesma raiz da palavra “sítio”.

A escolha da palavra *sítio* não é um acaso, pois este conceito é frequentemente empregado na teoria e prática arquitetônicas, sendo referente às imediações que enquadram o projeto. Isto inclui o ambiente natural e construído ao redor, como relevo, clima, vegetação, infraestrutura e edifícios vizinhos, assim como elementos intangíveis, como história e cultura.

Analisar o sítio é importante para identificar as oportunidades e restrições que ele oferece, de modo que o projeto alcance seu maior potencial. Destarte, o sítio influencia o projeto de um edifício ou estrutura, já que os arquitetos encontram inspiração em suas características particulares para criar um desenho único e inovador. A casa *Fallingwater*, de Frank Lloyd Wright, por exemplo, foi construída sobre uma cachoeira e integra o entorno natural ao desenho, debilitando a fronteira entre espaços internos e externos.

Conclui-se que os conceitos de espaço, lugar e sítio, apesar de serem intimamente relacionados, possuem nuances que permitem discutir o ambiente construído com maior complexidade e precisão, pois remetem às diferentes dimensões do entorno físico e cultural onde o ser humano habita. Os arquitetos devem considerar todos os elementos preexistentes para criar um desenho coeso e funcional que atenda às necessidades de seus usuários, respeitando o ambiente natural e construído, além do contexto cultural e social onde o projeto se situa.

2.2 O que é sítio para os arquitetos?

Na arquitetura, o conceito de sítio se refere ao local físico e ao contexto sociocultural em que uma construção ou estrutura está erigida ou planejada para ser construída, sendo um dos elementos mais importantes no processo de elaboração do projeto arquitetônico. Ele não apenas demarca as fronteiras físicas para a situação de

um edifício, mas também contém uma riqueza de informações que os arquitetos devem considerar para conceber uma obra harmônica às suas circunstâncias. Essas informações incluem o contexto natural e cultural, padrões climáticos e meteorológicos, além da história, edifícios e infraestrutura preexistentes, bem como aspectos legais, como códigos locais de zoneamento e construção.

Segundo diversos arquitetos, dentre os quais Álvaro Siza (MUÑOZ COSME, 2008) e Christian Norberg-Schulz (MONTANER, 1999), compreender o sítio é fundamental para a elaboração do projeto de uma construção ou estrutura. Destarte, a análise do sítio é uma etapa que os arquitetos realizam para entender as oportunidades e desafios únicos daquele contexto. São considerados elementos físicos, como os componentes naturais e as estruturas humanas, além dos elementos imateriais, como sua história. O projeto deve então responder a estes condicionantes.

O sítio também desempenha um papel importante na determinação da função da obra. A orientação e acessibilidade podem afetar como a construção é usada e como ela se relaciona com o meio circundante. No caso de estar localizada em uma área urbana movimentada, pode-se exigir uma abordagem de desenho distinta daquela que seria adotada se estivesse em um ambiente rural ou natural.

Se estiver situado em uma área de interesse histórico, o projeto deve ser sensível às construções do seu entorno, que podem estar em diferentes estados de conservação, até mesmo em ruínas. Da mesma forma, se a obra estiver localizada em uma área rural, seu desenho deve refletir a beleza natural da paisagem circundante. Portanto, tudo o que for relevante deve ser considerado para o desenvolvimento de uma obra sensível às preexistências do lugar, de modo que o projeto incorpore este potencial, evidenciando-o e sendo por ele enriquecido.

O clima e os padrões meteorológicos do sítio são considerações importantes para o desenho arquitetônico. O projeto de um edifício deve levar em conta o clima local, incluindo temperaturas, padrões de vento e precipitação. Essas informações são usadas para determinar o tamanho, orientação e posicionamento de janelas e outras aberturas e o tipo de materiais que devem ser usados na construção. Em um sítio localizado em clima quente e úmido, o projeto deve incluir sistemas de sombreamento

e ventilação para ajudar a reduzir o acúmulo de calor. Outro elemento natural muito importante é o relevo, que influencia o microclima local, além de permitir visadas para o ambiente circundante, caso esteja em local elevado.

Os edifícios e a infraestrutura existentes no sítio também devem ser levados em consideração na elaboração do projeto. Os arquitetos devem considerar como o novo edifício se encaixa no tecido urbano ou no meio natural e como ele interage com os sistemas de transporte, sanitário, elétrico e outras infraestruturas existentes. Em alguns casos, construções existentes podem ser demolidas para dar lugar ao novo edifício, enquanto em outros casos, elas podem ser preservadas e integradas ao desenho do novo edifício.

Em síntese, o conceito de sítio na arquitetura engloba os aspectos naturais, culturais e funcionais do local onde uma construção ou estrutura está sendo planejada para ser construída ou mesmo erigida. Os arquitetos consideram as características únicas do sítio para desenvolver projetos que respondam e respeitem o ambiente em volta de si, ao mesmo tempo que atendem aos requisitos funcionais da construção.

2.3 O sítio no discurso teórico

A arquitetura, para além de sua natureza técnica, que é sugerida pelo próprio nome, composto pelas palavras gregas ‘arkhi’ (chefe) e ‘tektōn’ (construtor), também é um ofício a ser pensado, o que vem sendo feito há mais de dois milênios. Na obra do século I AEC *De Architectura* (traduzido e publicado no Brasil em 2007 como ‘Tratado de Arquitetura’, pela editora Martins Fontes), o arquiteto e engenheiro romano Vitrúvio (2007) afirma que a arquitetura nasce da prática (*fabrica*) e da teoria (*ratiocinatio*).

Após Vitrúvio, seguiu-se um hiato de 14 séculos sem que houvesse publicações com a mesma abrangência e impacto no mundo ocidental (que sejam atualmente conhecidas), embora no oriente outras obras importantes tenham sido publicadas no mesmo período. Na idade média, a maior parte da informação circulava oralmente, enquanto as técnicas eram transmitidas diretamente do mestre para o aprendiz. De

Architectura continuou circulando até ao menos o século VII, sendo redescoberto em 1414, por Poggio Bracciolini, na biblioteca de Montecasino (HESSON, 2023).

A partir de sua redescoberta, *De Architectura* voltou a exercer um papel importante no desenvolvimento da teoria arquitetônica ocidental, tendo influenciado o primeiro tratado de arquitetura do período renascentista. *De Re Aedificatoria* foi concluído em 1452 e publicado em 1485, por Leon Battista Alberti que, além de conselheiro de arquitetura do papa Nicolau V, também foi estudioso das construções antigas de Roma, sendo possivelmente a obra mais importante para entender o pensamento arquitetônico do Renascimento. A obra de Alberti apresenta uma abordagem teórica e prática sobre a arquitetura, propondo-se a estabelecer princípios para a construção de edifícios harmoniosos, funcionais e esteticamente aprazíveis (HESSON, 2023). Outrossim, foi uma das primeiras obras a sistematizar a teoria da perspectiva e defender a utilização da matemática na arquitetura. O tratado exerceu uma influência superlativa sobre a arquitetura renascentista e continua sendo estudado como um dos principais documentos da teoria da arquitetura.

Com base nas ideias de Alberti, diversos praticantes e pensadores passaram a organizar seus pensamentos sobre arquitetura de forma escrita e publicá-los para a posteridade, a exemplo de Andrea Palladio, um dos mais reconhecidos arquitetos renascentistas, que publicou *I Quattro Libri dell'Architettura*, em 1570. A ele se seguiram diversos outros notáveis, dentre os quais Laugier e Piranesi, no Iluminismo, bem como Ruskin e Viollet-le-Duc, no século XIX. A partir do século XX, a teoria se desprende da discussão de formas perfeitas para as edificações e passou a fazer interface com discursos correntes na filosofia, ciências sociais e outros campos das humanidades, além de responder às novas tecnologias. Desta forma, a teoria tem sido essencial para situar a arquitetura, dentre outros campos do conhecimento, e dar sentido à sua produção frente a uma sociedade em constante mudança.

Após discutida a importância da teoria arquitetônica, é imperativo considerar o que os arquitetos e pensadores colocam acerca da importância do sítio para a prática projetual. Montaner (1999) defende que não há teoria sem crítica, pois seria uma “metalinguagem sem sentido”. Os textos a seguir discutirão as colocações de seletos teóricos da arquitetura acerca do tema em abordagem.

2.3.1 Bruno Zevi

Nascido em Roma, na Itália, Bruno Zevi (1918-2000) foi um dos mais notáveis teóricos e críticos de arquitetura do século XX e suas obras continuam tendo influência considerável na compreensão do pensamento modernista. Zevi estudou arquitetura na Universidade de Roma *La Sapienza*, tendo seus estudos interrompidos, porém, em 1938, devido ao antissemitismo do regime fascista de Benito Mussolini (Zevi era judeu), imigrando ao Reino Unido e, posteriormente, aos Estados Unidos, onde concluiu seus estudos na *Harvard Graduate School of Design*, da Universidade Harvard. Zevi retornou à Itália logo ao fim da segunda guerra, tornando-se professor na Universidade de Veneza e, pouco depois, na Universidade de Roma. A seguir serão discutidos seus dois primeiros livros, nos quais apresentou ideias fundamentais que continuou desenvolvendo ao longo de sua carreira.

Zevi publicou seu primeiro livro, *Verso un'architettura organica* (Por uma Arquitetura Orgânica, em tradução livre), em 1945. Neste livro, ele explora o conceito de "arquitetura orgânica", conforme apresentado e desenvolvido por Frank Lloyd Wright, cujas obras Zevi estudou durante sua estadia nos Estados Unidos. Zevi (1945) defende uma abordagem arquitetônica que harmonize com a natureza, as necessidades humanas e o ambiente, criticando estilos arquitetônicos rígidos e excessivamente atidos às tradições. Ele defende que os projetos sejam mais fluidos e adaptáveis, enfatizando a importância do uso de materiais naturais que se integrem à especificidade do local para criar estruturas que reflitam o espírito de seu entorno.

Seu segundo livro, *Saper Vedere l'architettura* (Saber Ver a Arquitetura, com sua primeira edição no Brasil publicada pela editora Martins Fontes, em 1978), publicado em 1948, é um dos mais influentes na historiografia do pensamento moderno, sendo republicado continuamente desde sua primeira edição (atualmente está em sua sexta edição na versão em português do Brasil, publicada em 2009 pela editora Martins Fontes) e figurando frequentemente em currículos de educação arquitetônica, ao exemplo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, onde faz parte das ementas de diversas disciplinas dos campos teórico e histórico.

O livro referido no parágrafo anterior alcançou esta posição de destaque na literatura da arquitetura moderna devido à linguagem acessível utilizada por Zevi e também à concisão com que enseja os leitores a ter uma visão mais atenta e crítica da arquitetura, observando a forma, os detalhes, o contexto, o sítio e as interpretações que se fazem de uma obra. Ele também presta especial atenção na definição e esclarecimento do conceito de espaço, que considera como “protagonista da arquitetura” (Zevi, 2009), pois é na relação entre o “invólucro mural” e o “espaço interior” que se encontra o valor da arquitetura, diferentemente das outras artes.

Nos capítulos seguintes do livro, Zevi explora os desenvolvimentos espaciais alcançados em diversos períodos da história da arquitetura ocidental para transmitir ao leitor um sentido de temporalidade aplicado ao conceito apresentado, pois ele defende que a arquitetura não é uma “arte atemporal”, mas está inserida simultaneamente nas dimensões espacial e temporal, denominada espaço-tempo, em alusão ao conceito homônimo desenvolvido na física (Zevi, 2009). Zevi também discute diversas interpretações feitas sobre a arquitetura, como as de natureza filosófico-religiosa, econômico-social, política, técnica, materialista, entre outras.

Em suas publicações posteriores, Bruno Zevi continuou explorando o conceito de espaço na arquitetura e, particularmente, na arquitetura moderna, tendo publicado, em 1973, *Spazi dell'architettura moderna* (Espaços da Arquitetura Moderna, em tradução livre) e *The Modern Language of Architecture* (A Linguagem Moderna da Arquitetura, em tradução livre), em 1978. Sua principal contribuição pode ser considerada como a defesa teórica que fez da desassociação da arquitetura das obrigações estéticas usadas como métrica de uma boa arquitetura durante vários séculos, para então enfatizar a importância do espaço e da percepção crítica para se ter uma compreensão mais aprofundada de uma obra arquitetônica.

2.3.2 Norberg-Schulz

O arquiteto e teórico da arquitetura norueguês Christian Norberg-Schulz (1926-2000) desenvolveu uma concepção do “espaço arquitetônico” decorrente da culminância de outros conceitos de espaço relacionados, particularmente aquele que ele denomina “espaço existencial” (NORBERG-SCHULZ, 1971). Esta concepção,

segundo Montaner (2012), fundamenta-se em premissas eminentemente fenomenológicas. Considerando a importância da fenomenologia, uma corrente de pensamento que explora ideias acerca da experiência e percepção humanas, para o desenvolvimento das ideias de Norberg-Schulz, ela será melhor apresentada a seguir, previamente às ideias do autor.

A fenomenologia, uma metodologia com importantes implicações para a obra de Norberg-Schulz, foi desenvolvida em sua forma moderna em fins do século XIX pelo filósofo alemão Edmund Husserl, que concebeu um novo entendimento sobre a forma que o ser humano percebe os objetos ao seu entorno, divergindo de uma visão “externalizante”, em que o objeto possui características próprias que determinam sua percepção (DE BOER, 1978), para uma em que a construção desta percepção tem o indivíduo como protagonista, de modo que suas emoções, sensações e subjetividades são parte da formação de percepções sobre os objetos e fenômenos à sua volta.

A partir das contribuições de Husserl, outros filósofos notáveis continuaram o desenvolvimento do pensamento fenomenológico, destacando-se entre eles o alemão Martin Heidegger, que propôs uma fenomenologia hermenêutica, visando interpretar o fenômeno do ser, isto é, o modo como o ser humano se relaciona com o mundo e consigo mesmo. Segundo Heidegger (1962), o ser humano é um “ser-aí” (*Dasein*), que existe lançado em um contexto histórico, cultural e existencial, e que se caracteriza pela sua abertura, liberdade e responsabilidade.

A obra de Heidegger busca desvelar a essência do ser-aí, que é a sua temporalidade, ou seja, a sua projeção para o futuro, a sua memória do passado e a sua compreensão do presente. Outra questão relevante para Heidegger é o sentido do ser, que é obscurecido pela recorrente tendência do ser-aí de se alienar na cotidianidade, na técnica e na metafísica (HEIDEGGER, 1962). A fenomenologia de Heidegger pretende, assim, resgatar o sentido originário do ser, que é a sua abertura para o mistério da existência.

A partir de seus estudos da fenomenologia e outras contribuições importantes de diversos campos da filosofia e ciências sociais, Christian Norberg-Schulz desenvolveu uma concepção própria e inovadora sobre o espaço arquitetônico,

calçada na ideia primária de um espaço existencial, sendo paulatinamente aprimorada e aprofundada (MONTANER, 2012), além de promover um contraste e revisão das concepções de espaço elaboradas até então e aplicadas à arquitetura. A seguir, discorrer-se-á acerca dos principais conceitos desenvolvidos por Norberg-Schulz em seus quatro principais livros.

Segundo Montaner (2012), em seu texto fundacional, *Intentions in Architecture* (Intenções em Arquitetura, em tradução livre), de 1963, Norberg-Schulz apoia-se sobre sólidas e diversas referências metodológicas para construir uma teoria da arquitetura que consiga inserir a arquitetura do passado no contexto de revisão e crise do modernismo, colocando-se em questão seu desígnio vanguardista e trazendo as primeiras críticas à sua omissão de fatores ambientais e simbólicos.

Neste primeiro livro, acima referido, Norberg-Schulz (1963) discute a essência da arquitetura, enfatizando a importância das intenções e emoções humanas no desenho e na experiência de ambientes construídos. Ele argumenta que a arquitetura deve estar enraizada em uma compreensão profunda das necessidades e aspirações humanas, buscando criar espaços que ressoem com os aspectos culturais e psicológicos de indivíduos e comunidades.

Em seu segundo livro, *Existence, Space and Architecture* (Existência, Espaço e Arquitetura, em tradução livre), Norberg-Schulz (1971) argumenta que a arquitetura não é apenas uma criação física, mas também um meio de expressar e dar forma à existência humana, relacionando o ambiente construído ao meio natural e à subjetividade humana. Ele destaca a importância da experiência pessoal na compreensão da arquitetura e da relação entre os seres humanos e os espaços que habitam.

Em *Meaning in Western Architecture* (Significado na Arquitetura Ocidental, em tradução livre), seu terceiro livro, Norberg-Schulz (1975) explora ideias subjacentes ao longo da história ocidental, argumentando que a arquitetura transcende sua mera função utilitária, carregando uma carga de significado e simbolismo que influencia a experiência das pessoas que interagem com ela. Sendo assim, ela deve ser compreendida, necessariamente, em um contexto cultural e simbólico mais amplo.

Ele destaca como a arquitetura é uma forma de expressão cultural que reflete os valores, crenças e aspirações de uma sociedade em determinado momento, analisando elementos arquitetônicos, como forma, proporção, material e espaço, para entender como podem ser interpretados e entendidos em relação ao meio cultural onde se inserem. O autor também examina a relação entre arquitetura e lugar, argumentando que a arquitetura deve estar enraizada em seu ambiente físico e cultural para ter um significado autêntico.

Por fim, em seu livro *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture* (Genius Loci: Por uma Fenomenologia da Arquitetura, em tradução livre), de 1980, Norberg-Schulz explora o conceito de "genius loci", que se refere ao espírito ou essência de um lugar, no contexto da arquitetura e do ambiente construído. O autor adentra, novamente, na ideia de que a arquitetura deve estar profundamente enraizada em seu contexto cultural e ambiental, argumentando a favor de uma abordagem mais significativa, centrada no ser humano, para o desenho. Ele enfatiza a importância de compreender e preservar o caráter único e a identidade de um lugar ao criar estruturas arquitetônicas.

Em síntese, Norberg-Schulz desafiou a visão estritamente funcionalista da arquitetura, influenciando uma mudança em direção a uma apreciação mais profunda e reflexiva da disciplina. Seu trabalho ensinou arquitetos e teóricos a considerar não apenas a estética e a função, mas também o significado cultural e simbólico de obras arquitetônicas.

2.3.3 Steven Holl

Kenneth Frampton, notável crítico de arquitetura, afirmou o seguinte sobre a produção desenvolvida pelo arquiteto norte-americano Steven Holl:

Como vimos, dois princípios fundamentais sustentam a arquitetura dele. O primeiro deles é a ancoragem do edifício em seu sítio, embora, assim como o arquiteto português Álvaro Siza, ele acredite que o arquiteto tem tanto a responsabilidade de desafiar o sítio quanto a de harmonizar passivamente com sua forma. (1989 apud HOLL, 1989, p. 8)

A partir desta colocação, Frampton (1989) considera que o sítio é um elemento fundamental para a arquitetura de Steven Holl, servindo como a “ancoragem” do edifício. Ainda segundo ele, os projetos de Holl buscam tanto se integrar quanto antagonizar o seu sítio. Para aprofundar a compreensão da importância do sítio no desenvolvimento das obras de Steven Holl, pode-se considerar o entendimento do próprio arquiteto, de modo a confrontá-lo com a análise de Frampton para entender se eles se coadunam ou se contrapõem. Em seu livro *Anchoring* (Ancoragem, em tradução livre), Holl (1989) afirma o seguinte:

Arquitetura está ligada à situação. Ao contrário da música, pintura, escultura, filme e literatura, uma construção (não móvel) está entrelaçada com a experiência de um lugar. O sítio de um edifício é mais do que um mero ingrediente em sua concepção. É sua fundação física e metafísica.

A resolução dos aspectos funcionais do sítio e do edifício, as vistas, ângulos de sol, circulação e acesso, são a “física” que exige a “metafísica” da arquitetura. Através de um vínculo, um motivo estendido, um edifício é mais do que algo meramente construído para o sítio. (HOLL, 1989, p. 9).

Nos parágrafos acima, Holl estabelece a relação intrínseca entre arquitetura e sítio, segundo sua concepção, para o desenvolvimento de seus projetos. Além de ser a “fundação física e metafísica” do edifício, o sítio oferece as condições naturais a serem aproveitadas e enaltecidas pelo projeto (o que ele se refere como “metafísica da arquitetura”). Desta forma, Holl sugere que a relação sítio-edifício não é apenas uma convivência inconsequente, mas uma íntima associação. Ele continua:

A construção transcende os requisitos físicos e funcionais ao se fundir com um lugar, ao reunir o significado de uma situação. A arquitetura não se intromete na paisagem, pois ela serve para explicá-la. A iluminação de um sítio não é uma simples replicação de seu “contexto”; revelar um aspecto de um lugar pode não confirmar sua “aparência”. Assim, as formas habituais de ver podem ser interrompidas. Arquitetura e sítio devem ter uma conexão experiencial, um vínculo metafísico, um vínculo poético. (HOLL, 1989, p. 9).

Tais afirmações aprofundam a ideia da interdependência entre o edifício e seu sítio, além de assumir um caráter mais subjetivo. A ideia fundamental continua sendo a existência de um vínculo físico, abrangendo aspectos naturais relevantes ao projeto, e metafísicos, que concernem às questões relacionadas com o significado estabelecido pela arquitetura no meio preexistente, onde se assenta a construção. Por fim, nos parágrafos a seguir, ele desenvolve argumentos para apresentar o que vaticina ser uma demanda da arquitetura contemporânea:

Quando uma obra de arquitetura funde com sucesso um edifício e uma situação, surge uma terceira condição. Nesta terceira entidade, denotação e conotação se fundem; a expressão está ligada à ideia que se une ao sítio. O sugestivo e o implícito são aspectos múltiplos de uma intenção.

Um edifício tem um sítio. Nesta situação única, suas intenções são coletadas. Edifício e sítio têm sido interdependentes desde o início da Arquitetura. No passado, essa conexão era manifesta sem intenção consciente através do uso de materiais e artesanato locais e pela associação da paisagem com eventos históricos e mitos. Hoje, a ligação entre sítio e arquitetura deve ser encontrada de novas maneiras, que fazem parte de uma transformação construtiva na vida moderna (HOLL, 1989, p. 9).

Holl conclui então que a relação entre sítio e arquitetura é essencial e intrínseca ao desenvolvimento de projetos, pois o edifício resultante se funde com seu entorno de modo a construir uma “terceira condição” à qual a expressão arquitetônica está “ligada à ideia que se une ao sítio”. Ou seja, a arquitetura passa a fazer parte da identidade do local e vice-versa.

A seguir, ele afirma que a conexão entre edifício e sítio sempre foi importante na arquitetura, mesmo que no passado tenha sido manifestada de forma inconsciente, por meio do uso de materiais e artesanato locais e da associação da paisagem com eventos históricos e mitos.

Ao fim, Holl argumenta que, hoje em dia, a conexão deve ser encontrada de novas maneiras, devido à transformação construtiva na vida moderna. Isso sugere que a arquitetura precisa se adaptar ao contexto atual, mas ainda deve manter a conexão entre edifício e sítio para criar uma terceira entidade significativa. O texto sugere que a arquitetura contemporânea precisa ser mais consciente e intencional em sua relação com o sítio em que é construída.

METODOLOGIA

3. METODOLOGIA

Considerando os objetivos propostos, foram escolhidas duas obras que atendessem critérios específicos e melhor representassem o ímpeto projetual do escritório em contextos naturais relativamente semelhantes, mas com importantes distinções em relação ao contexto histórico-social e as demandas colocadas. Optou-se por seguir uma linha metodológica partindo da apreensão das obras, utilizando-se dos recursos disponíveis, quais sejam: duas visitas empreendidas à casa do Engenho Queira Deus e imagens das duas obras em análise.

Faz-se necessário esclarecer que a apreensão não se trata apenas de uma mera observação superficial, mas uma observação consciente e atenta, imbuída dos interesses fenomenológicos que serão explicitados no tópico “4.2 O método de abordagem”. Tal método faz referência àquele desenvolvido pelo Professor M. Reza Shirazi (2014), intitulado *Phenomenal Phenomenology* (Fenomenologia Fenomenal, em tradução livre), que será mais bem apresentado no tópico supramencionado.

A escolha pela corrente fenomenológica se deu devido à pertinência de se fazer uma apreensão e uma análise que fossem além de uma simples descrição dos fatores físicos, estéticos e visuais (como forma, volume, escala, etc.), para considerar também fatores experienciais mais subjetivos, que são parte essencial da percepção de uma obra arquitetônica. Tomando-se em consideração o interesse do trabalho de explorar a relação entre o projeto e o sítio, é possível discorrer e analisar com maior profundidade tal relação entendendo-a de forma mais ampla, além dos aspectos tangíveis.

3.1 A escolha das obras

Após analisar o conjunto material da obra do escritório A+R, isto é, a produção com expressão além do conceitual, foi estabelecido um recorte temporal que reflete a produção posterior ao ingresso da nova geração, sendo, portanto, representante da sua composição atual. Desta forma, foram escolhidas obras projetadas nos anos de 2002 e 2003, sendo adrede a seleção de anos subsequentes, na intenção de

aproximar os projetos, com base na dimensão temporal, e reduzir a influência de preferências estilísticas efêmeras.

Outra dimensão que balizou a escolha dos projetos foi a locacional. Ambos os projetos escolhidos se situam em áreas de Mata Atlântica, de modo que o ambiente natural, embora seja um fator relevante, não é o único determinante para comparar o desenvolvimento das obras. Um dos projetos possui a peculiaridade de ser parte de um pequeno engenho do século XIX, o Queira-Deus que, por sua vez, é uma sucursal do engenho Tapacurá, que conta quatro séculos de história. Este fator foi determinante para a definição do partido do projeto, tornando-se relevante para ilustrar a sensibilidade do escritório ao lidar com o aspecto humano na paisagem.

Após a explicitação dos fatores acima considerados, as obras a serem analisadas foram a casa grande do engenho Queira Deus, na área rural do município de São Lourenço da Mata, e a casa Através do Vazio, situada em um condomínio no bairro da Aldeia, município de Camaragibe, Pernambuco. As duas obras distam apenas cerca de 10 quilômetros, em linha reta, ou 19 quilômetros de estrada, aproximadamente.

3.2 O método de abordagem

Conforme previamente informado, o método se trata de uma adaptação daquele desenvolvido pelo professor M. Reza Shirazi (2014) que consiste, em síntese, na definição de interesses fenomenológicos (*Phenomenological concerns*) a serem considerados em uma observação apurada da obra em análise, na qual o observador deve percorrer, de fora para dentro, o objeto de análise imbuído dos interesses fenomenológicos previamente definidos e, na medida do possível, livre de concepções prévias acerca da obra para que tenha um olhar imparcial e possa focar em sua experiência imediata, ao exemplo das sensações e emoções proporcionadas pelo objeto arquitetônico nos diferentes momentos do percurso.

Tal método foi desenvolvido, segundo Shirazi (2014), para prover uma forma articulada de analisar obras de arquitetura a partir de uma perspectiva fenomenológica que considere todo o objeto (e não apenas uma ou outra fachada, por exemplo), tanto

externamente quanto internamente. Além disso, permite que o observador experimente sensações e seja envolto pela atmosfera do lugar, um tema já explorado em Norberg-Schulz (1980) e Zumthor (2006).

Contudo, devido à impossibilidade de visitar uma das obras em questão, a casa Através do Vazio (por razão da falta de autorização do proprietário) fez-se necessário desenvolver adaptações ao método descrito para que houvesse melhor aplicabilidade no contexto em questão. Tais adaptações se justificam considerando o valor da obra, à decorrente relevância de conduzir uma análise sobre esta e também à pertinência da sua escolha junto à casa Queira Deus.

As adaptações e suas respectivas justificativas serão apresentadas a seguir:

Observação através de imagens e documentação do projeto em lugar da visita para a casa Através do Vazio: existe uma tradição longamente estabelecida na arquitetura de analisar objetos através de representações visuais, sendo este método inclusive defendido por Walter Benjamin (2018) em seu livro *“A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica”*. Outrossim, segundo Pallasmaa (2011), imagens e representações transmitem aspectos emocionais e sensoriais da arquitetura, sendo ferramentas vitais para comunicar experiências arquitetônicas.

Aproximação ao objeto arquitetônico sem movimentação física no espaço: devido à impossibilidade da visita, a percepção do objeto será feita seguindo a lógica direcional do ambiente externo para o interno, sugerindo a ideia de movimento, contrapondo o fato de não ser empreendido um percurso físico no objeto.

3.2.1 Interesses fenomenológicos

Feitas as adaptações necessárias, e considerando sua imprescindibilidade para a compreensão dos fundamentos da análise a ser empreendida, serão transcritos integralmente os 36 interesses fenomenológicos, ressaltando-se que, devido à difícil tradução e à própria subjetividade inerente ao pensamento fenomenológico, os sentidos podem não corresponder completamente às intenções do autor, sendo recomendável recorrer ao texto original caso seja necessário melhor esclarecimento

de algum ponto específico. Segundo Shirazi (2014), os seguintes interesses fenomenológicos devem ser considerados em uma análise concisa e articulada:

1 Fenômeno: um fenômeno é essencialmente uma auto-manifestação e auto-revelação, e o significado etimológico da fenomenologia é permitir que a coisa seja vista por si mesma, como se mostra a partir de si mesma.

2 Aos próprios fenômenos: 'aos próprios fenômenos' implica voltar ao dado, aos fenômenos, à medida que eles nos aparecem e se mostram em sua aparência imediata, em vez de como representações.

3 Ausência de pressuposições: para capturar as coisas de forma pura, é necessário, na medida do possível, abandonar as pressuposições existentes. Nesse contexto, é necessário deixar qualquer raciocínio científico, matemático, filosófico e teórico aberto às próprias coisas, para percebê-las diretamente.

4 Precognição: nossa percepção do mundo é baseada em uma consciência a priori dela, ou seja, precognição. A precognição, incluindo a linguagem, as leis da Gestalt e a memória coletiva, possibilitam a compreensão.

5 Ser-no-mundo: somos fundamentalmente 'ser-no-mundo'. 'Ser-no-mundo' implica a maneira como uma pessoa 'é' no mundo e sua 'mundanidade'.

6 Ser-no como habitar: 'ser-no' é um estado existencial e denota 'habitar'. Assim, essencialmente habitamos o mundo, juntamente com outros.

7 Espacialidade: estamos espacialmente no mundo através da des-distância e da direcionalidade. Des-distanciar significa tornar as coisas acessíveis, fazendo com que sua distância desapareça e as trazendo para perto da esfera de interesse. Para conseguir isso, devemos tomar uma direção em relação às coisas. O ser humano é primordialmente espacial.

8 Direções existenciais: nossa espacialidade através da des-distância e da direcionalidade implica que o espaço é polarizado como aqui-lá, esquerda-direita, em cima-embaixo, e assim por diante, devido à corporeidade humana.

9 Espaço existencial: não estamos 'no' espaço; nós 'habitamos' o espaço. Vivemos o espaço através de nossos corpos. Assim, somos nossos mundos e o espaço é existencial.

10 Horizonte: experimentamos e percebemos uma coisa não de forma isolada, mas em um horizonte no qual ela está relacionada a outras coisas, objetos, pessoas, etc. Esse horizonte é constituído por objetos, crenças, expectativas e assim por diante, e nos direciona para possibilidades.

11 Fundo, campo: a percepção de 'algo' está sempre dentro de um 'campo', um campo de coisas inter-relacionadas. Esse campo é, na verdade, o resultado da fusão de fundo, meio-termo e primeiro plano, através dos quais todos os nossos arredores se fundem em um 'todo' unificado.

12 Mundo da vida: assim, todas as experiências ocorrem no mundo circundante da vida cotidiana, incluindo fenômenos naturais e feitos pelo homem, dentro de uma cultura, história e contexto específicos, em um mundo da vida. Portanto, toda experiência está fundamentalmente relacionada ao mundo da vida dado. O mundo da vida transmite características variantes e invariantes.

13 Körper e Leib: nosso envolvimento com o mundo e nossos arredores não é apenas através de nosso Körper, ou seja, nosso corpo físico visto como meros ossos e órgãos, mas por meio de nosso Leib, nosso corpo vivo como um ator no mundo.

14 Corpo, sujeito e objeto: não há separação entre sujeito e objeto. O corpo é a unificação de sujeito e objeto.

15 Mundo e corpo: o mundo e o corpo estão fundamentalmente entrelaçados. Nossa percepção do mundo é através do corpo. 'Somos' nosso corpo, e o corpo é o centro de nosso mundo.

16 Experiência/movimento: o mundo é o mundo experimentado, relacionado ao corpo vivo, o corpo em movimento, em vez de um objeto separado.

17 Experiência verbal: a experiência arquitetônica é verbal em vez de substantiva, ou seja, consiste em ação e movimento. Experimentamos a porta ao entrar, a janela ao olhar para fora. Um edifício é encontrado, confrontado e relacionado ao corpo de alguém.

18 Experiência multissensorial: a experiência da arquitetura é multissensorial, com a participação de todos os sentidos - visão, audição, tato, olfato e paladar. Essa atitude multissensorial se opõe à supremacia da visão tanto no pensamento ocidental quanto na arquitetura, onde o sentido da visão desempenha um papel vital na percepção do mundo.

19 Percepção do corpo e da cidade: confrontamos uma cidade através de nosso corpo, e o corpo participa da experiência através de todos os sentidos. A cidade habita memórias e imaginações, e assim nós habitamos a cidade. Ela habita em nós. No entanto, a percepção da cidade ocorre através do movimento do corpo e de uma rede de perspectivas sobrepostas e em constante expansão.

20 Tempo: a arquitetura mostra e interrompe o tempo. No trabalho de arquitetura, confrontamos a experiência atemporal do ser humano. Habitamos não apenas o espaço e o lugar, mas também o tempo.

21 Habitação e o quadrifásico: habitar está originalmente relacionado à construção, proteção, preservação, cultivo e economia. Por outro lado, habitar simultaneamente preserva o quadrifásico do céu, da terra, dos mortais e das divindades. Habitar essencialmente preserva o quadrifásico ao trazê-lo para as coisas.

22 Coisa: uma coisa originalmente implica reunir, trazer o quadrifásico para a unidade. Assim, uma coisa 'coisa', une o quadrifásico e 'mundifica' o mundo. Um trabalho de arquitetura, como uma verdadeira coisa, reúne o quadrifásico, preserva-o e estabelece um lugar pelo qual a verdadeira habitação se torna possível.

23 Configuração do lugar: um trabalho de arquitetura é fundamentalmente a configuração do lugar. Configurar o lugar implica limpar e libertar o lugar do estado selvagem, criando espaço para a habitação humana. Através da configuração do lugar, um trabalho de arquitetura abre um mundo e reúne todos os arredores dentro dele. Através do 'mundificar', o trabalho manifesta a terra. Através da criação de um mundo e da exposição da terra, o desvelamento do ser, a verdade, é revelado. Portanto, a configuração do lugar é essencialmente o trazer-para-o-trabalho da verdade. Isso não ocorre em todos os lugares, mas em um local especial, em um lugar fixo como uma Gestalt (figura).

24 Visualização e complementação: a configuração do lugar é feita seja visualizando o caráter existente do local, seja complementando-o adicionando o que falta.

25 Lugar-espço: o lugar, que enseja a coisa enquanto reunidora, é a base do espaço. O espaço recebe seu ser do lugar, não do espaço.

26 Local de construção: um edifício deve estar fundamentalmente relacionado à sua localização. A arquitetura e o local devem estar poeticamente entrelaçados, e quando isso ocorre, uma terceira condição aparece, um espaço relativo em vez de universal, um espaço particular em vez de um geral. Essa é a natureza de construir o local.

27 Genius loci: como o espírito do lugar, o genius loci determina o caráter especial do local dado, "o que ele é e o que 'deseja ser". A arquitetura é realmente baseada na percepção, identificação e depois visualização do genius loci.

28 Stabilitas loci: o genius loci de um lugar denota a stabilitas loci, o caráter fixo do lugar, a Stimmung, que não muda com o tempo e permanece o mesmo. Assim, cada lugar preserva seu genius loci ao longo de um longo período de tempo.

29 Interpretação: no entanto, preservar o genius loci não implica uma repetição interminável do passado, mas significa sempre estar aberto a novas interpretações. A arquitetura percebe a essência do genius loci em conteúdos históricos sempre novos.

30 Regionalismo crítico: o regionalismo crítico é uma prática marginal, crítica da modernização. Ele resiste ao consumismo, ao internacionalismo e ao universalismo. Ele tem uma atitude tectônica em relação à arquitetura, em vez de uma cenográfica, e presta atenção a fatores específicos do local, como topografia, clima e luz local. No entanto, ele se opõe à simulação sentimental de elementos locais ou ao populismo vulgar. Ele lida simultaneamente com a civilização universal e elementos de um lugar e cultura específicos. Portanto, ele necessita de interpretações sempre novas do ambiente dado. É criativo, em vez de nostálgico.

31 Tectônica: um edifício é essencialmente tectônico em vez de cenográfico, ontológico em vez de representacional, uma coisa em vez de um sinal. A tectônica, como a poética da construção, visa manifestar estruturas poeticamente, em materiais não estruturais e através de um procedimento de união.

32 Detalhe: os detalhes, por um lado, são o local da tectônica da arquitetura; por outro lado, enriquecem a tangibilidade da construção. Eles explicam a construção e manifestam a arquitetura.

33 Materialidade: a arquitetura é uma entidade material, na qual encontramos uma estrutura concreta. Os materiais registram particularidades naturais e feitas pelo homem. Eles transmitem sentido e tempo, e aprimoram nossa sensação tátil.

34 Microcosmo/domínios: na crescente falta de lugar no ambiente moderno, há uma necessidade urgente de um domínio concreto e limitado de resistência, estabelecendo uma espécie de microcosmo ou cidade em miniatura.

35 Lar: o lar é a integração de memórias, identidade, consciência, rituais, etc. Ele preserva nossas memórias de infância, segredos privados e personalidade.

36 Zonas fenomenais: as zonas fenomenais são zonas espirituais ou físicas nas quais os fenômenos aparecem fenomenologicamente. Elas são as cenas de auto-manifestação dos fenômenos:

- Dentro/fora: habitar essencialmente estabelece um espaço interno em contraposição ao espaço externo. O espaço interno denota um reino familiar e implica estar 'em casa'.
- Limiar: os limiares separam o espaço interno e o espaço externo. No entanto, onde eles se encontram, há um ponto intermediário a partir do qual o edifício começa a se manifestar.
- Céu/terra: um trabalho de arquitetura conecta a terra e o céu através de sua posição, elevação e abertura. A posição denota sua relação com a terra, a elevação de sua relação com o céu, e a abertura à maneira como está relacionado com o ambiente. Luz: a luz é a origem do ser. Ela faz o espaço aparecer. Ela dá vida aos objetos através de seu reflexo em constante mudança.
- Escuridão: a escuridão é a ausência de luz. No entanto, ela torna a luz visível. A luz extensiva não permite que ela seja percebida. Em sua presença e ausência, luz e escuridão fazem com que uma à outra apareça.
- Água: a água tem a capacidade de reunir seu entorno. Como material puro, ela reflete qualquer coisa em si mesma e reúne o ambiente - céu, terra, vento, nuvens, vegetação, edifícios, chuva, etc. - em uma unidade viva.
- Janelas: as janelas reúnem o interior e o exterior. Elas permitem que o interior complemente o exterior.
- Paredes: as paredes reúnem a posição e a elevação do edifício, e são os pontos de encontro entre o céu e a terra.
- Telhado: o telhado é o ponto de encontro entre o edifício e o céu. Ele dá ao edifício seu perfil particular.
- Lareira: no centro da casa, a lareira desperta nossa memória inconsciente, sonhos e imagens primordiais, e funciona como um foco de reunião.
- Mesas: a mesa costumava ser a estrutura organizadora do lar, em torno da qual ocorriam diferentes atividades. Ela é o plano vivo da casa. (Shirazi, 2014, p. 202-207, em tradução livre)

A partir das adaptações e dos interesses fenomenológicos apresentados neste capítulo, será possível conduzir uma análise aprofundada e específica para as obras selecionadas.

**ANÁLISE
FENOMENOLÓGICA DE
OBRAS SELECIONADAS**

4. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE OBRAS SELECIONADAS

Conforme apresentado no capítulo anterior o método empregado é uma adaptação do método apresentado por Shirazi (2014) para uma análise articulada de objetos arquitetônicos a partir de uma perspectiva fenomenológica. No capítulo anterior também foram apresentados os interesses fenomenológicos que balizam as análises a serem apresentadas a seguir.

Ressalta-se que o objetivo da análise é apreender as sensações transmitidas pelo percurso empreendido em torno e no interior dos objetos arquitetônicos e a experiência proporcionada, sendo aqui enfocada a relação com o sítio.

4.1 Casa Queira Deus



Figura 1: Os arredores. Fonte: A+R Arquitetos.

A partir da estrada vicinal que sai do engenho Tapacurá, é possível observar à distância a casa Queira Deus, que se apresenta cercada de vegetação em uma colina verdejante. A paisagem ao entorno é bucólica, de relevo suavemente desnivelado, fazendo-se notar a presença da casa e da antiga chaminé do engenho, que se impõe verticalmente distinguindo aquele lugar de seu meio natural.

A chegada é feita subindo a colina, sob a copa das árvores. A casa resplandece luminosa no topo do percurso, desvelando-se à medida que dela se aproxima, seus detalhes vão se tornando mais e mais aparentes.



Figura 2: A chegada. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.

Deixando para trás a cobertura da vegetação, é possível perceber as paredes brancas e esquadrias azuis, o telhado cerâmico alaranjado em duas águas, o frontão clássico em formato triangular e a sólida base, que enraíza a casa no solo.



Figura 3: A primeira vista. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.

Do topo da colina, é possível observar a velha chaminé marcando as colinas verdes e rompendo a uniformidade da paisagem natural, inserindo ali uma demarcação da presença humana naquele espaço.



Figura 4: A chaminé. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.

Ao se aproximar da fachada frontal, é possível perceber que volumes de um amarelo bastante conspícuo se podem avistar ao fundo.



Figura 5: Fachada. Fonte Acervo pessoal Fernando Diniz.

Adentrando-se os interiores da casa, percebe-se grande despojamento, com uma mobília em diferentes tons amadeirados, a trama de caibros e ripas que sustenta o telhado, as esquadrias que se abrem para o interior e a textura do piso.



Figura 6: Interiores. Fonte: A+R Arquitetos.

É possível então continuar o percurso interno da casa até alcançar a janela que se abre para a chaminé e a vista da paisagem. O enquadramento sugere que houve intencionalidade. As aberturas para o exterior evidenciam o cuidadoso posicionamento dos eixos do projeto e reforçam a conexão com o meio ao entorno.



Figura 7: Vista enquadrada. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.

Seguindo para o lado oposto, atravessa-se uma porta que leva à ampla varanda, de onde se pode contemplar a beleza do encontro entre a colina e o céu emolduradas pela vegetação.



Figura 8: Enquadramento da vista. Acervo pessoal Fernando Diniz.

Olhando para trás, vê-se a amplitude da cobertura em contraste com as laterais abertas à paisagem, permitindo entrar a luz, o vento, os cheiros e sons do campo.



Figura 9: Espaço coberto. Fonte: Acervo pessoal Fernando Diniz.

o fim do percurso, descendo a escada alcança-se novamente o solo, prosseguindo então ao sopé da colina para observar numa vista posterior a casa, que deste ângulo revela claramente o contraste entre antigo e moderno, assentados de forma sóbria, serena e harmônica no sítio ao entorno.



Figura 10: Vista posterior. Fonte: A+R Arquitetos.

4.2 Casa Através do Vazio



Figura 11: Horizontalidade. Fonte: A+R Arquitetos.

As primeiras sensações transmitidas pela casa Através do Vazio são a horizontalidade da casa; o volume amarelo conspícuo da caixa d'água sobressaindo-se do plano horizontal; o gramado macio, como um longo tapete verde, recortado pelas pedras que demarcam o caminho de chegada; as copas das árvores ao fundo cortinando o céu, à exceção dos rasgos entre as folhagens.

É possível ver ao fundo que a paisagem continua através da casa, há um sentido de amplitude e espaço que convida a adentrar os interiores para descobrir o que há aquém e além daquela vista.



Figura 12: Contrastes. Fonte: A+R Arquitetos.

Antes de entrar, porém, é possível ver ao redor que há outro volume justaposto à longa fachada. De cor vermelha, ele aparece mais discreto, refletindo menos os raios solares, mas igualmente marcante, pois contrasta com aquele conjunto tão claro e sóbrio.

É possível ver também a continuidade da cortina de árvores, que emoldura o espaço ao redor, definindo uma noção de “aqui e ali”. Vê-se também ao fundo a cerca viva que delimita o espaço da propriedade, definindo o pertencente e o alheio.



Figura 13: Dentro e fora. Fonte: A+R Arquitetos.

No interior da casa, a parede carmim é um elemento conspícuo que atrai a atenção ao mesmo tempo que suscita a curiosidade de descobrir o que há além. Vê-se uma porta amarela, que delimita os espaços íntimos da casa, afastando-os do acesso dos visitantes e assegurando a privacidade dos moradores em contraste à generosa abertura dos espaços sociais, que permite ao meio externo adentrar a casa, de modo a criar a sensação de estar dentro e fora simultaneamente.



Figura 14: Descoberta. Fonte: A+R Arquitetos.

Ao seguir o percurso e sair da casa, descobre-se uma ampla vista ao aguarado, com uma varanda assentada à margem da colina, como um promontório, ensejando a contemplação da beleza natural ao entorno, sob a copa das árvores. É possível ver o sol iluminando o vale à frente, os pássaros voando livres sobre a mata, a amplitude do céu, em contraste com aquele ambiente claramente construído, e pensado, por alguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise fenomenológica das obras "Casa Queira Deus" e "Através do Vazio", projetadas pelo escritório Andrade + Raposo, revelou a profunda relação entre essas construções arquitetônicas e os sítios em que estão inseridas. Essa investigação permitiu compreender que o escritório tomou decisões projetuais que resultaram em uma integração excepcional das obras com seus respectivos contextos, demonstrando a relevância da harmonia entre arquitetura e sítio na criação de espaços que transcendem a mera funcionalidade e estética.

Como método para este estudo, adotou-se uma abordagem fenomenológica, a partir de Shirazi (2014), que permitiu explorar a experiência humana da arquitetura em relação aos lugares que ela ocupa, modifica e define. Fundamentando-se também em pensadores como Bruno Zevi, Christian Norberg-Schulz, Steven Holl, Juhani Pallasmaa e Martin Heidegger, foram proporcionadas as ferramentas conceituais necessárias para analisar as obras de Andrade + Raposo de forma profunda, sensível e reflexiva.

Em primeiro lugar, pudemos perceber que a casa Queira Deus não se limita a ser apenas uma residência. Ela se transforma em um espaço onde memórias são incorporadas, identidades são moldadas e rituais são realizados. A arquitetura dessa casa não é apenas uma estrutura física, mas uma parte essencial do contexto humano que a habita. Através de sua integração com o sítio, a casa se torna um lar verdadeiro, aproveitando a beleza de seu meio natural enquanto preserva os segredos privados e reflete a personalidade de seus moradores em seu meio interior. Essa relação profunda entre a "Casa Queira Deus" e seu sítio ilustra a importância de uma arquitetura que considera a totalidade da experiência humana.

De maneira semelhante, a casa Através do Vazio também exemplifica a capacidade da arquitetura de se conectar com o ambiente circundante de maneira poética e significativa. Esta construção não se limita a separar o espaço interior do exterior, mas estabelece uma relação complexa entre os dois. Os limiares cuidadosamente projetados não apenas separam o dentro do fora, mas também criam pontos de encontro onde a arquitetura começa a se manifestar. A interação entre o

céu e a terra, a luz e a escuridão, o relevo, a vegetação e os materiais de construção convergem para formar uma experiência única e multissensorial. Isso nos leva a reconhecer a importância da arquitetura em criar um espaço que transcende as dimensões físicas e nos conecta a algo maior do que nós mesmos.

Nesse sentido, a fenomenologia da arquitetura nos ensina que a construção de espaços habitáveis não deve ser reduzida a uma simples questão de funcionalidade ou estética. Ela nos lembra que a arquitetura é, antes de mais nada, uma expressão da nossa relação com o mundo, com a natureza e com a cultura. É a maneira pela qual interagimos com o ambiente ao nosso redor e como damos significado à nossa existência. Portanto, a criação de espaços que estão em harmonia com seus sítios é fundamental para a construção de lugares que enriquecem nossa experiência e nos conectam com o mundo de maneira mais profunda.

Andrade + Raposo Arquitetos demonstraram, através das obras Queira Deus e Através do Vazio, que a arquitetura tem o poder de transcender as fronteiras entre o material e o espiritual, entre o individual e o coletivo. Eles nos lembram que a arquitetura não é apenas uma questão de forma e função, mas também uma forma de filosofia, uma maneira de explorar nossa relação com o mundo e com os outros. Essas obras exemplificam a capacidade da arquitetura de enriquecer nossas vidas, tornando-se mais do que apenas estruturas físicas, mas sim espaços que nutrem nossa alma e nossa conexão com o entorno.

Portanto, conclui-se que a análise fenomenológica empreendida neste estudo reforça a importância da relação entre obras de arquitetura e seus sítios. Essa relação não é apenas estética, mas também ontológica e existencial. Através da fenomenologia da arquitetura, podemos apreciar mais profundamente como a harmonia entre a arquitetura e o sítio pode enriquecer nossas vidas, despertar nossas memórias, conectar-nos com a natureza e nos lembrar de nossa existência no mundo. As obras de Andrade + Raposo nos inspiram a buscar essa integração significativa em todos os projetos arquitetônicos, reconhecendo que a arquitetura é uma forma de arte que nos ajuda a compreender e habitar o mundo de maneira mais plena.

REFERÊNCIAS

ANDRADE + RAPOSO ARQUITETOS. A+R arquitetos, 2023. **Página Inicial**. Disponível em: ar.arq.br. Acesso em: 21 de junho de 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6492**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 1994.

BENEVOLO, Leonardo. **History of Modern Architecture**. Cambridge: MIT Press, 1977.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

CURTIS, William J. R. **Architecture of the 1960s and 1970s**. In Encyclopedia of Modern Architecture. Londres: Routledge, 2005.

DE BOER, Theodore. **The Development of Husserl's Thought**. Haia: Martinus Nijhoff, 1978.

GUENES, Márcia. **Mônica Raposo Andrade: Referência mundial em habitação coletiva**. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. 06 de março de 2019. Disponível em: <https://caubr.gov.br/monica-raposo-andrade-referencia-mundial-em-habitacao-coletiva/> Acesso em: 21 de junho de 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Being and Time**. Tradução: J. Macquarrie e E. Robinson. Nova York: Harper & Row, 1962.

HESSON, Robert. **Renaissance architectural treatises**. 09 fev. 2023. Disponível em: <https://www.northernarchitecture.us/ancient-monuments/renaissance-architectural-treatises.html>. Acesso em: 09/01/2023.

HOLL, Steven. **Anchoring**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1989.

KOSTOF, Spiro. **A History of architecture: settings and rituals**. Nova York: Oxford University Press USA, 1995.

MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e Crítica**. São Paulo: Gustavo Gili, 2012.

MUÑOZ COSME, Alfonso. **Iniciación a la Arquitectura**. 4ª ed. Barcelona: Editorial Reverté, 2016.

NORBERG-SCHULZ, Christian. (1971). **Existence, Space & Architecture**. Nova York: Praeger Publishers, 1971.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. Nova York: Rizzoli International Publications, 1980.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intentions in Architecture**. Cambridge: MIT Press, 1963.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

POLLIO, Vitruvius. **Tratado de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SHIRAZI, M. Reza. **Towards an Articulated Phenomenological Interpretation of Architecture, Phenomenal Phenomenology**. Abingdon: Routledge, 2014.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.